



## RESENHA DE “UMA HISTÓRIA DA LEITURA”

### REVIEW OF “A READING STORY”

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

**Ana Claudia Reis Bittencourt** – UFR – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil  
[anabitt\\_gga@hotmail.com](mailto:anabitt_gga@hotmail.com)

**Adinael Junior Pereira da Trindade** – UFR – Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil  
[adinaelgga@hotmail.com](mailto:adinaelgga@hotmail.com)

#### RESUMO

Esta resenha tem por objetivo apresentar em poucas palavras a história contida no livro intitulado “Uma história da leitura” que tem como autor Alberto Manguel. A obra é dividida em capítulos organizados em duas partes. Além disso, o livro contém páginas de guarda, notas e índice remissivo. Trata-se de um romance cuja narrativa remete a diferentes momentos da história de leitura. O autor discorre sobre como começou a ler, bem como suas experiências de leitura.

**Palavras-chave:** Resenha; hábito de ler; romance; Alberto Manguel.

#### ABSTRACT

This review aims to present in a few words the story contained in the book entitled “A history of reading” written by Alberto Manguel. The work is divided into chapters organized into two parts. In addition, the book contains end pages, notes and index. It is a novel whose narrative refers to different moments in the history of reading. The author talks about how he started reading, as well as his reading experiences.

**Keywords:** Review; habit of reading; romance; Alberto Manguel.

Alberto Manguel, em “Uma história da leitura” aborda sua história de vida. A obra é dividida em capítulos organizados em duas partes. Além disso, o livro contém páginas de guarda, notas e índice remissivo. Trata-se de um romance cuja narrativa remete a diferentes momentos da história de leitura. O autor discorre sobre como começou a ler, bem como suas experiências de leitura. Na primeira seção, intitulada “A

---

última página”, Manguel (1997) busca apresentar seu percurso de leitura, como também de outros leitores.

No capítulo seguinte, denominado “Leitura das sombras”, Manguel descreve a descoberta de um oftalmologista francês acerca do processo de leitura. Segundo ele, nossos olhos saltam pela página e esses saltos ou sofreamentos acontecem três ou quatro vezes por segundo. O autor complementa esclarecendo que a velocidade do movimento dos olhos pela página interfere na percepção, e é somente durante a breve pausa entre movimentos que realmente lemos.

Posteriormente, em “Leitores silenciosos”, o autor afirma que Cláudio Ptolomeu, ao observar o livro denominado “Critério”, revelou que às vezes as pessoas leem em silêncio quando estão se concentrando muito, porque dizer as palavras em voz alta distrai o pensamento. Parafraseando Agostinho, Manguel comenta que a leitura silenciosa permite a comunicação sem testemunhas entre o livro e o singular refrescamento da mente. O autor ainda destaca que Agostinho faz a descrição de dois momentos de leitura, em voz alta para compartilhar a revelação do texto e em silêncio para o aprendizado privado.

Intitulado “O livro da memória”, no capítulo seguinte, Manguel cita De Fournival, afirmando que o livro, não o leitor, preservava e transmitia a memória. Nesse sentido, ele ressalta que estudantes de De Fournival acreditavam que a memorização de um texto era benéfica ao corpo, visto que confiavam na biblioteca armazenada na mente. Ainda de acordo com Manguel, os estudiosos medievais confiavam na memória que tinham dos livros lidos, cujas páginas podiam invocar como se fossem fantasmas vivos. Entretanto, o autor confia na capacidade dos serviços computadorizados, contudo, ele tem medo de que uma falha no sistema possa apagar tudo da sua memória e para sempre.

No capítulo “O aprendizado da leitura”, o autor pontua os métodos de alfabetização. Manguel apresenta registros de leituras antigas e atuais e faz uma ilustração da evolução dos métodos do ensino da leitura. O autor comenta a

---

importância de se alfabetizar, pois, segundo ele, quando se aprende a ler, o indivíduo sai do estado de dependência e de comunicação rudimentar. Ele também expõe visões de estudiosos acerca da idade certa para aprender a ler.

Denominado “A primeira página ausente”, no quinto capítulo, o autor afirma que nenhuma leitura pode jamais ser final. Manguel parafraseia Sócrates, que afirmava que somente o que o leitor já conhece pode ganhar vida com uma leitura e, para ele, o conhecimento não pode ser adquirido por meio de letras mortas. Kafka, segundo o autor, percebeu que, para o leitor, cada texto precisa ser inacabado e, talvez por isso, ele não tenha completado muitos de seus escritos, visto que para ele não existe a última página, dessa forma o leitor pode continuar no texto.

No capítulo “Leitura de imagens”, Manguel afirma que, embora não consiga ler as legendas das ilustrações de um livro, pode ser atribuído a ela um sentido valendo-se da criatividade dos leitores. Em relação aos santos da igreja, o autor comenta que São Nilo aprovava a representação dos santos, com o argumento de que essas representações serviriam como livros para os iletrados, ensinando-lhes a história da Bíblia e, ao mesmo tempo, fazia-os acreditar na misericórdia de Deus. O autor ainda menciona uma afirmação do Papa Gregório que vai ao encontro do comentário anterior. Ele relata que para os analfabetos as imagens se tornam presentes, pois é por meio delas que conseguem de certa forma ler e, portanto, as imagens são equivalentes a leitura.

Em “Leitura ouvida”, o autor comenta a experiência que teve quando criança ao ouvir sua babá lendo para ele. Manguel também relata que há diferentes maneiras de ouvir um livro, ou seja, havia quem os lia, quem cantava e recitava e que o seu sucesso ou fracasso dependia da capacidade de desempenho do leitor. O autor revela que ouvir alguém ler priva o ouvinte, porém, dá ao texto uma identidade respeitável, um sentido de unidade no tempo e uma existência no espaço que raramente acontece nas mãos de um leitor solitário.

---

No capítulo seguinte, denominado “A forma do livro”, Manguel discorre sobre a evolução do aspecto físico do livro, que vai desde tabuletas de argila à invenção da imprensa. Ele relata sobre a facilidade de manuseio que o códice trouxe para a leitura, bem como, a acessibilidade que Gutenberg possibilitou com a produção de livros com mais rapidez e em grande escala.

No capítulo intitulado “Leitura na intimidade”, o autor descreve sobre Colette, uma menina que amava ler e suas artimanhas para poder realizar suas leituras. Ele comenta que, assim como para Colette, a cama era um lugar sagrado para muitos para a execução do ato de ler, porém, havia também outros espaços que eram utilizados, como bibliotecas, poltronas, metrô, banheiro e outros. O autor, parafraseando Geoffrey Chaucer, afirma que o ato de ler na cama é mais do que entretenimento, é também um lugar de privacidade.

Em “Metáforas da leitura”, Manguel relata, nesse capítulo, a trajetória de leitura de Whitman. Segundo o autor, Whitman parece ter buscado uma compreensão e uma definição do ato de ler, que é a um só tempo ele mesmo e a metáfora de todas as suas partes. Ainda conforme o autor, para Whitman, o ato de ler serve como metáfora para ajudar a entender a relação hesitante com próprio corpo. O autor conclui afirmando que ler serve como um veículo metafórico, mas, para ser compreendido, precisa ele mesmo ser reconhecido por meio de metáforas.

No capítulo que segue, intitulado “Primórdios”, o autor comenta quando começou a pré-história do livro e, em consequência disso, o surgimento da escrita e do leitor. Conforme Manguel, desde os primórdios a leitura é o auge da escrita e através dessa criação emergiu o escriba. De acordo com Manguel, era por meio dos escribas que estabeleciam as comunicações e logo, eles descobriram sua capacidade de modificar o passado histórico. O autor encerra o capítulo mencionando que, após a capacidade perdida dos escribas, o texto mais uma vez torna-se marcas silenciosas.

No capítulo “Ordenadores do universo”, Manguel relata como surgiu a biblioteca de Alexandria e qual era seu propósito. Segundo o autor, os sucessores de

---

Alexandre incorporaram uma quantidade enorme de livros ao acervo da biblioteca, porém, séculos mais tarde foram descobertas algumas falsificações. Ele narra que o acervo era de difícil manuseio por haver um enorme volume de livros e a solução surgiu em forma de bibliotecário. Conforme o autor, o bibliotecário criou um sistema para catalogar os livros. Ele relata também as várias formas de catalogação criadas por outros bibliotecários para suas respectivas bibliotecas.

No capítulo “Leitura do futuro”, Manguel discorre sobre as profecias sibilinas, oráculos pagãos, e uma em especial chamada Herófila, Constantino de religião católica a fez falar em nome de Jesus Cristo. O autor ainda comenta que, durante muitos séculos, o mundo cristão aceitou a sibila entre seus antepassados. Segundo Manguel, as profecias eram consideradas infalíveis, visto que era mais fácil mudar as circunstâncias históricas do que preservá-la. Em “leitor simbólico”, o autor esclarece que os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que um mero utensílio, e complementa apontando que é tão importante o simbolismo do livro que sua presença ou ausência pode, aos olhos do observador, dar ou tirar poder intelectual a uma personagem.

Em “Leitura intramuros”, o autor relata que, para as mulheres como santa Teresa, ler era algo realizado de forma oculta, escondida. Segundo ele, apesar de um grupo seleto de mulheres terem acesso a livros, suas leituras eram limitadas, em função disso, as leitoras descobriram maneiras de subverter o material. Outro ponto mencionado por Manguel é que essas mulheres começaram a escrever para elas mesmas lerem, visto que leitores cujas identidades são negadas não tem outro lugar onde encontrar suas histórias, a não ser na literatura que elas mesmas produzem.

No capítulo posterior, intitulado “Roubos de livros”, o autor inicia confessando seu apego aos livros e a dificuldade de se desfazer deles. Na sequência, o autor afirma que, desde o século XII, os livros eram objeto de comércio. A maior parte do capítulo é dedicada a citar a atividade comercial do Sr. Libre, que tinha o desejo e o mal hábito de roubar livros. Manguel expõe que o Sr. Libre após ter o prazer de roubar os livros,

---

comercializavam-os. O autor ainda comenta que, na época de Libri, roubar livros era uma prática constante e encerra capítulo explicando o que seria bibliocleptomania.

Em “O autor como leitor”, Manguel conta que um autor estava obrigado a seguir certas regras se quisesse ter sucesso em suas leituras e que, ao fazê-las em público, conforme a reação de seus ouvintes, Plínio aperfeiçoava seus textos. O autor, ainda citando Plínio, explica que as leituras públicas feitas pelo autor se destinavam não somente a levar o texto ao público, como também levá-lo de volta ao autor. Porém, segundo Manguel, ao mesmo tempo, ao fazer a leitura, o autor poderia alterar o sentido do texto conforme sua interpretação. No capítulo seguinte, “Tradutor como leitor”, o autor coloca em dúvida a interpretação de texto, afirmando que a tradução nunca é traduzida conforme o texto original.

Em “Leituras proibidas”, ele disserta que até a metade do século XIX, praticar o ato de ler era algo proibido para os negros, e, se o fizessem, eram punidos com castigos, principalmente físicos. Ao longo do capítulo, Manguel destaca que como havia censura, a literature era considerada proibida, visto que a realização dessas leituras por escravos alfabetizados poderia levá-los a incitar revoluções perigosas. Outro ponto abordado pelo autor é de que a leitura poderia causar problemas principalmente políticos e, portanto, seria mais simples dominar uma população analfabeta e limitar seu alcance a leitura.

No último capítulo, denominado “O louco dos livros”, Manguel começa explicando sobre a utilidade dos óculos. Conforme o autor, antes da invenção dos óculos, um sexto da população era míope e entre os leitores, a proporção era muito maior. Manguel ainda comenta que os óculos se tornaram a marca da presença do leitor e segundo ele, foram acrescentados em pinturas para marcar a natureza estudiosa e sábia de uma personagem. O autor relata que os óculos eram conhecidos não somente pra simbolizar o prestígio da leitura, mas também seus excessos. Algo interessante abordado por ele, foram os tipos de loucos e a especificação de cada um, sendo sete no total.

---

O livro, como um todo, proporciona uma leitura agradável, desenvolvendo-se de forma clara e simples. O autor apresenta um amplo painel histórico sobre como se formou o hábito de ler. “Uma história da leitura” pode ser indicada a qualquer pessoa interessada em leitura, uma vez que trata, de forma romântica, sobre o ato de ler.

---

**Ana Claudia Reis Bittencourt** – Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado e Psicomotricidade pela Instituição FAVENI. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e da Residência Pedagógica vinculados ao Curso de Letras. Atualmente participo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) vinculado ao Curso de Geografia.

**Adinael Junior Pereira da Trindade** - Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010). Atualmente é assistente em administração/ classe d da Universidade Federal de Mato Grosso.

---

Recebido para publicação em 03 de junho de 2024.

Aceito para publicação em 15 de outubro de 2024.

Publicado em 22 de outubro de 2024.